



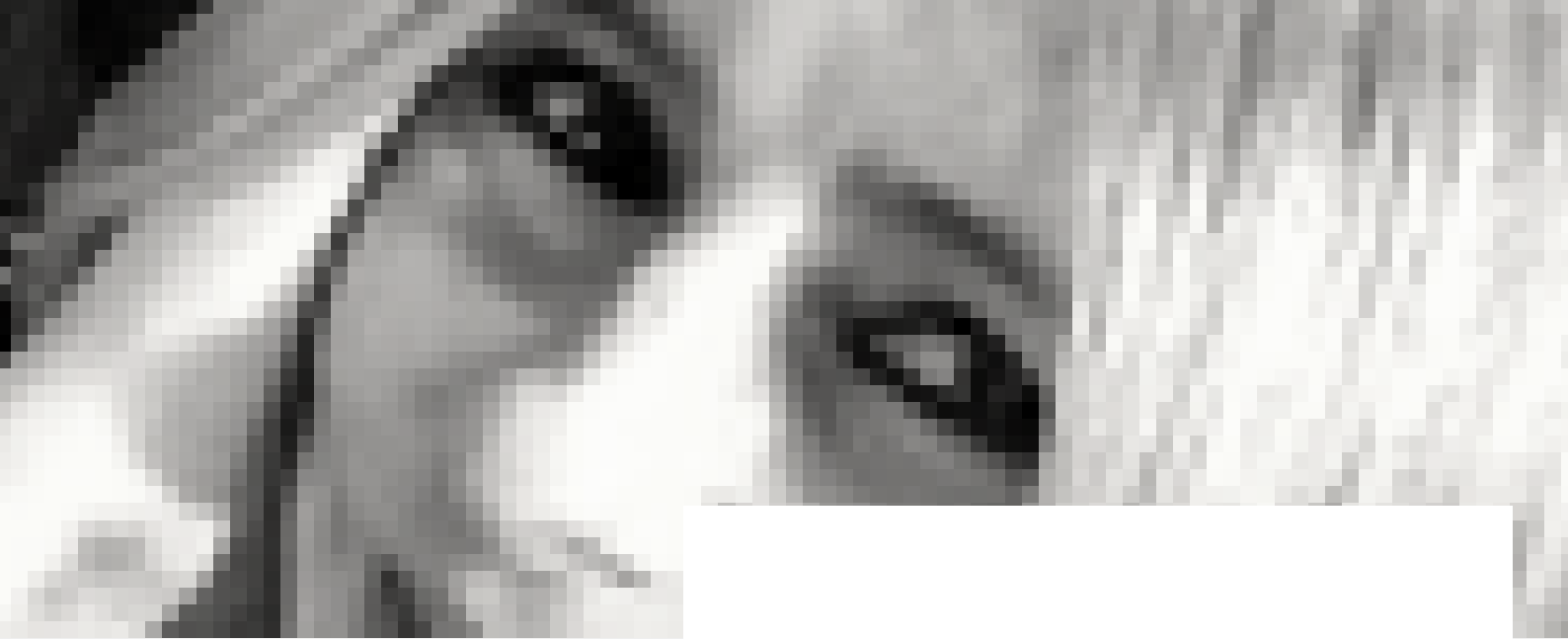
COMPILAÇÃO ORGANIZADA POR  
AÇUCENA ALIJAJ

---

POEMAS  
DITO E  
DAQUILO

---

2020/2021



---

## PREFÁCIO

---

A elaboração de uma antologia poética – ainda que a escolha dos autores que a integram possa ser inquestionável pelo valor da sua obra e pelo papel que representam para a cultura, para a literatura e para a língua de um povo – é sempre um exercício de subjetividade, uma vez que decorre, naturalmente, do gosto pessoal de quem a elabora. O gosto pessoal, no que respeita à escolha de poemas tidos como merecedores de integrar a referida antologia, não é só uma questão, digamos, instintiva, mas uma questão de sensibilidade, de conhecimento e de maturidade.

O conhecimento apura o gosto, a maturidade afina a sensibilidade.



---

## PREFÁCIO

---

Se é evidente a qualidade literária dos poemas escolhidos pela Açucena, é também evidente a sua capacidade para os reconhecer como tal; o seu olhar sabe o que procura e, por isso, sabe quando encontra. Poderia, dada a sua juventude, ficar-se pelos poemas mais bucólicos ou mais sentimentais, afinal o amor é da sua idade, mas a Açucena interessam também a crítica social e a reflexão existencial, conseguindo inclusive encontrar-se e reconhecer-se no que lê, concedendo à literatura o seu papel fundamental no autoconhecimento e no conhecimento da natureza humana.

É para mim um privilégio prefaciá-la esta antologia. Partilho com a Açucena o seu gosto pela língua – ou pelas línguas – e pela área suprema da sua manifestação: a literatura.



---

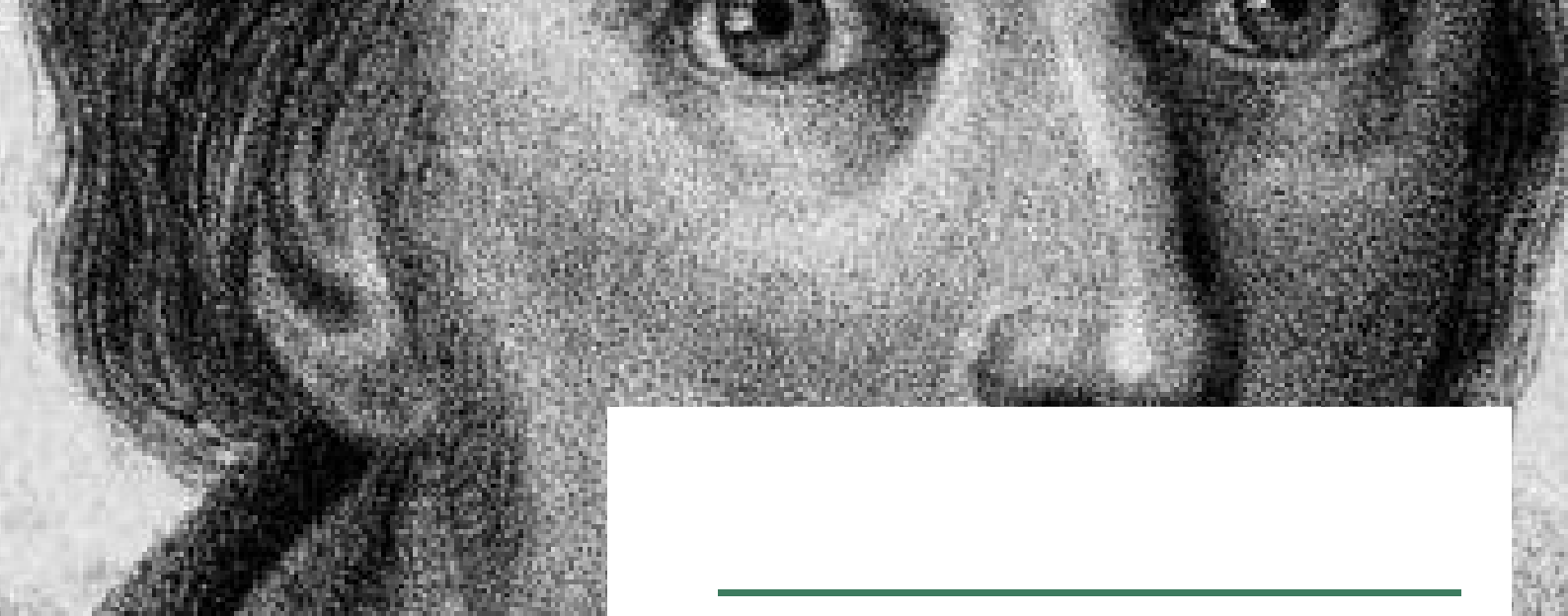
## PREFÁCIO

---

Partilho também com a Açucena – cujo nome é ele também o prefácio de uma vida bela, sensível e que floresce sob a luz do saber – a ideia de que a poesia se finca na realidade, tal como a memória se finca no presente e tal como a raiz se finca na terra para que ambas possam florir.

Que esta antologia seja a raiz de um trabalho incessante e amoroso de conhecimento e valorização da língua e dos poetas e que, mais tarde, essa raiz se estenda da recolha de textos à sua própria produção poética e que, em outras antologias, possamos encontrar poemas da Açucena.

ELISABETE BÁRBARA  
18 DE MAIO DE 2021



---

## A CAMÕES, COMPARANDO COM OS DELE OS SEUS PRÓPRIOS INFORTÚNIOS

---

Camões, grande Camões, quão semelhante  
Acho teu fado ao meu quando os cotejo!  
Igual causa nos fez perdendo o Tejo  
Arrostar co sacrílego gigante:

Como tu, junto ao Ganges sussurrante  
Da penúria cruel no horror me vejo;  
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,  
Também carpindo estou, saudoso amante:

Lubíbrico, como tu, da sorte dura,  
Meu fim demandando ao Céu, pela certeza  
De que só terei paz na sepultura:

Modelo meu tu és... Mas, ó tristeza!...  
Se te imito nos transes da ventura,  
Não te imito nos dons da natureza.



*Mel Ma de Barbara  
du Bocage*



---

## NO MUNDO QUIS O TEMPO QUE SE ACHASSE

---

No mundo quis o Tempo que se achasse  
O bem que por acerto ou sorte vinha;  
E, por exprimentar que dita tinha,  
Quis que a Fortuna em mim se exprimentasse.

Mas por que meu destino me mostrasse  
Que nem ter esperanças me convinha,  
Nunca nesta tão longa vida minha  
Cousa me deixou ver que desejasse.

Mudando andei costume, terra e estado,  
Por ver se se mudava a sorte dura;  
A vida pus nas mãos de um leve lenho.

Mas, segundo o que o Céu me tem mostrado,  
Já sei que deste meu buscar ventura  
Achado tenho já que não a tenho.

LUÍS VAZ DE CAMÕES





---

A. L.

---

Não és a flor olímpica e serena  
Que eu vejo em sonhos na amplidão distante;  
Não tens as formas ideais de Helena,  
As formas da beleza triunfante;

Não és também a mística açucena,  
A alva e pura Beatriz do Dante;  
És a artista gentil, a flor morena  
Cheia de aroma casto e penetrante.

Não sei que graça, que esplendor, que arpejo  
Eu sinto dentro d'alma quando vejo  
Teu corpo aéreo, matinal, franzino...

Faz-me lembrar as vívidas napeias,  
E as formas vaporosas das sereias  
Rendilhadas num bronze florentino.

*Guerra Junqueira*



---

## CINISMOS

---

Eu hei-de lhe falar lugubrememente  
Do meu amor enorme e massacrado,  
Falar-lhe com a luz e a fé dum crente.

Hei-de expor-lhe o meu peito descarnado,  
Chamar-lhe minha cruz e meu calvário,  
E ser menos que um Judas empalhado.

Hei-de abrir-lhe o meu íntimo sacrário  
E desvendar-lhe a vida, o mundo, o gozo,  
Como um velho filósofo lendário.

Hei-de mostrar, tão triste e tenebroso,  
Os pegos abismais da minha vida,  
E hei-de olhá-la dum modo tão nervoso,

Que ela há-de, enfim, sentir-se constrangida,  
Cheia de dor, tremente, alucinada,  
E há-de chorar, chorar enternecida!

E eu hei-de, então, soltar uma risada.

*Cesario Verde*







---

## GRAMMATICA RUDIMENTAR

---



Grammatica rudimentar  
'Aquelle Manuel do Rego  
É rapaz de tanto tino  
Que em lirio põe sempre y grego,  
E em lyra põe i latino!  
E como a gente diz ceia  
Escreve sempre ceiar;  
Assim como de passeia  
Tira o verbo passeiar!  
Nunca diz senão peor  
Não só por ser mais bonito,  
Mas porque achou num auctor  
Que deriva de sanskrito.  
Escreve razão com s,  
E escreve Brasil com z:  
Assim elle nos quizesse  
Dizer a razão porquê!  
Também como diz – eu soube  
Julga que eu poude é correcto:  
Temo que a morte nos roube  
Rapazinho tão discreto!  
É um gramático o Rego!  
É um purista o finorio...  
Se Camões fallava grego,  
E o Vieira latinorio!

*João de Deus*



---

## SOLEMNIA VERBA

---

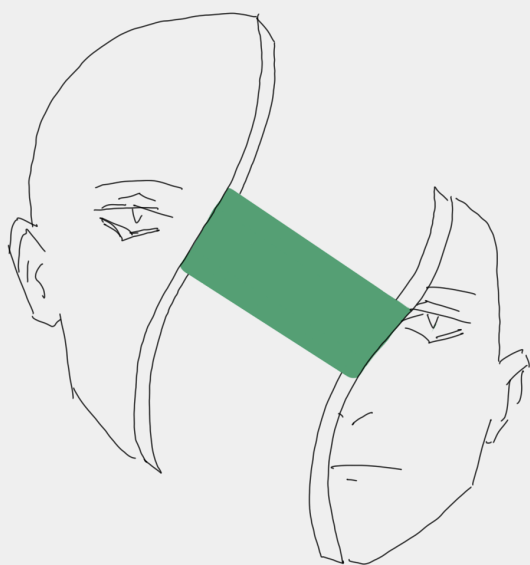
Disse ao meu coração: Olha por quantos  
Caminhos vão andámos! Considera  
Agora, desta altura, fria e austera,  
Os ermos que regaram nossos prantos...

Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!  
E a noite, onde foi luz a Primavera!  
Olha a teus pés o mundo e desespera,  
Semeador de sombras e quebrantos!

Porém o coração, feito valente  
Na escola da tortura repetida,  
E no uso do pensar tornado crente,

Respondeu: Desta altura vejo o Amor!  
Viver não foi em vão, se isto é vida,  
Nem foi demais o desengano e a dor.

*Antero Tarquinio do Quintal.*





---

## SÊ DE PEDRA!

---

Não reparaste nunca? Pela aldeia,  
Nos fios telegraphicos da estrada,  
Cantam as aves, desde que o sol nada,  
E, á noite, se faz sol a lua cheia...

No entanto, pelo arame que as tenteia,  
Quanta tortura vae, n'uma ancia alada!  
O Ministro que joga uma cartada,  
Alma que, ás vezes, d'além-mar aneia:

- Revolução! - Inutil. - Cem feridos,  
Setenta mortos. - Beijo-te! - Perdidos!  
- Emfim, feliz! - ?- ! - Desesperado. -Vem!

E as lindas aves, bem se importam ellas!  
Continuam cantando, tagarellas:  
Assim, Antonio! deves ser tambem.

*Antonio Nobre*





---

## Ó MEUS CASTELOS DE VENTO

---

Ó meus castelos de vento  
que em tal cuita me pusestes,  
como me vos desfizestes!

Armei castelos erguidos,  
esteve a fortuna queda,  
e disse:- Gostos perdidos,  
como is a dar tão grã queda!  
Mas, oh! fraco entendimento!  
em que parte vos pusestes  
que então me não socorrestes?

Caístes-me tão asinha  
caíram as esperanças;  
isto não foram mudanças,  
mas foram a morte minha.  
Castelos sem fundamento,  
quanto que me prometestes.  
quanto que me falecestes!

SÁ DE MIRANDA

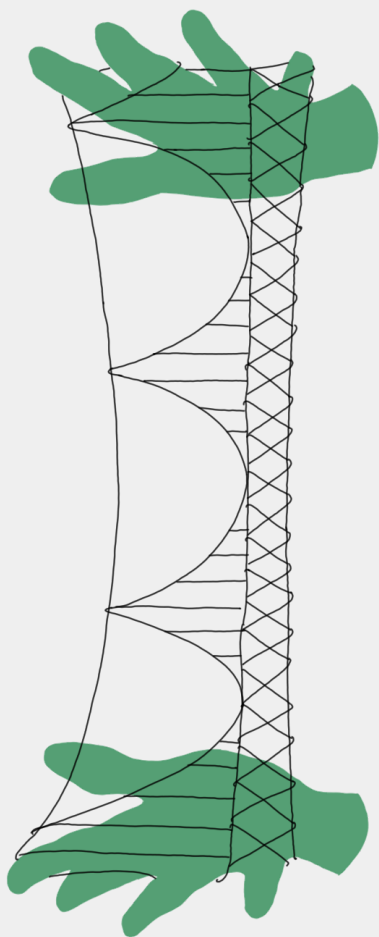




---

## DESCRIÇÃO DE BADAJOZ

---



Ó passei o rio que tornou atrás,  
Se acaso é certo o que Camões nos diz,  
Em cuja ponte um bando de aguazis  
Registam tudo quanto a gente traz.  
Segue-se um largo, em frente dele jaz  
Longa fileira de baiúcas vis;  
Cigarro aceso, fumo no nariz,  
É como a companhia ali se faz.  
A cidade por dentro é fraca rês,  
As moças põem mantilhas e andam sós,  
Têm boa cara, mas não têm bons pés.  
Isto, coifas de prata e de retrós,  
E a cada canto um sórdido marquês,  
Foi tudo quanto vi em Badajoz!

NICOLAU TOLENTINO



---

## VOZ E AROMA

---

A brisa vaga no prado,  
Perfume nem voz não tem;  
Quem canta é o ramo agitado,  
O aroma é da flor que vem.

A mim, tornem-me essas flores  
Que uma a uma vi murchar,  
Restituam-me os verdores  
Aos ramos que eu vi secar...

E em torrentes de harmonia  
Minha alma se exalará,  
Esta alma que muda e fria  
Nem sabe se existe já.

*J. B. de Alencar Junior*





---

## AUTO-RETRATO

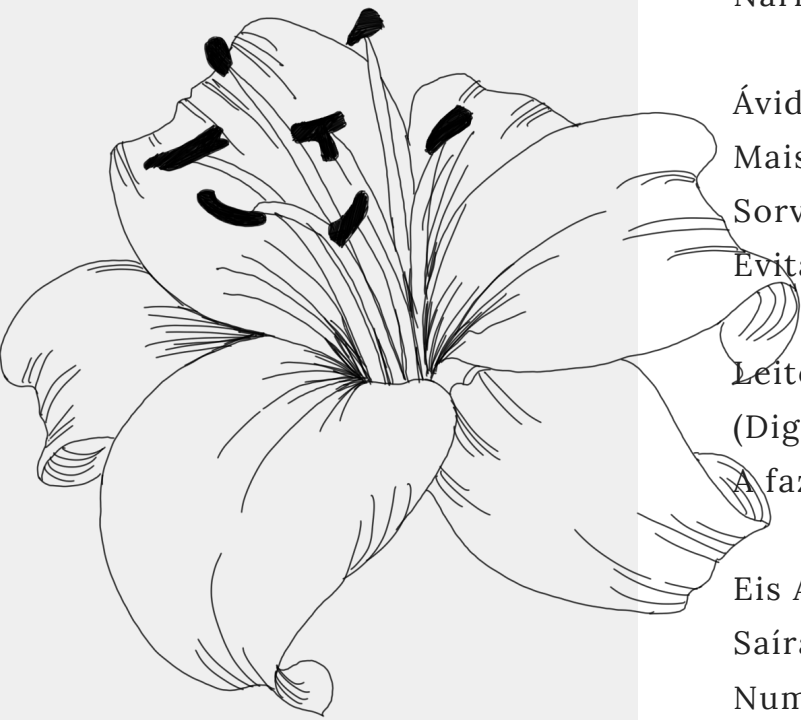
---

Solarenga, de olhos azuis, rosto delicado,  
Ágil de membros, de boa altura,  
Honesto de face, igual de figura,  
Nariz mediano, de traço delgado;

Ávida por acalmar as multidões,  
Mais dada ao descanso do que à vida dura,  
Sorvendo de áureas taças sumos com doçura,  
Evitando fúteis e agrestes discussões;

Leitora insana de mil livros  
(Digo, de livros mil) que num momento  
A fazem esquecer os tempos idos

Eis Açucena, com muito brio e alento;  
Saíram dela mesmo estes reparos,  
Num domingo em que se sentiu estar com  
talento.



açucena alijaj



---

## POSFÁCIO

---

*“Poesia não é para compreender mas para incorporar. Entender é parede: procure ser árvore.” – Manoel de Barros*

A compilação aqui presente surgiu do engenho da nossa professora de português, Bárbara Tavares, que nos propôs um conjunto de tarefas que incluíam um ebook, que seria um projeto individual, possibilitando a pesquisa, seleção e apreensão dos poetas presentes no Plano Nacional de Leitura.

Cheguei à conclusão que deixar de fora algum dos dez poetas que foram sugeridos não seria justo. Agora, depois de diversa pesquisa biográfica, percebo que talvez Almeida Garrett pudesse ter sido deixado de parte (aos 24, casou com uma miúda de 12 ou 13 anos).

A seleção foi feita um a um, procurando abarcar estilos diferentes. Todos estes poetas contribuíram para a elevação cultural da literatura portuguesa, até mesmo Bocage, que serviu de inspiração às nossas – “interessantes”, por falta de melhor palavra – versões do seu autorretrato.





---

## POSFÁCIO

---

Comecei a compilação com Bocage, sendo o poema escolhido uma dedicatória a Camões, de quem, aparentemente, era grande apreciador. É também um poema menos libertino, partindo daí a escolha. O poema de Camões selecionado não tem como foco o natural romantismo que abunda na sua lírica. Fala na vida na sua generalidade e isso agrada-me. Segue-se-lhe um poema de Guerra Junqueiro, poeta panfletário, sobre a beleza feminina, comparando-a a diversas flores (incluindo açucenas). Cesário Verde surge a seguir com um poema que embora seja de 1871, reflete muito dos relacionamentos atuais.

Esta compilação não seria nada se eu não incluísse a “Grammatica”, pelas mãos hábeis de João de Deus, que, por incrível que pareça, foi o meu guia na aprendizagem das primeiras letras através da Cartilha Maternal. O próximo poema, de Antero de Quental, reflete uma visão otimista do fim da vida, que eu aprecio. Relativamente ao seguinte, de António Nobre, um poeta do lamento e da nostalgia, achei por bem dedicar-lhe uma página, colocando o meu poema favorito.



---

## POSFÁCIO

---

O poema que escolhi para representar Sá de Miranda reflete a sua atração pelas ilusões e quimeras. A seguir encontramos o satírico e as insignificâncias do mundo em Nicolau Tolentino, e mais uma referência a Camões. Por último, irrompe por esta compilação Almeida Garrett, o romântico que escreveu poesia no fim da vida, ativo nas revoluções e crítico da geração do vapor e do pó de pedra.

Fecha-se esta compilação com a adaptação do autorretrato de Bocage, que se transforma num autorretrato bizarro de mim mesma.

Procurei, ao longo da compilação, equilibrar os meus gostos respeitando o que é natural aos poetas. Sendo a poesia um dedo espetado na realidade, nas palavras sábias de Afonso Cruz, espero ter conseguido que estes poemas voem da página e fiquem na memória de quem os lê através desta seleção.

AÇUCENA ALIJAJ



DISCIPLINA PORTUGUÊS  
DOCENTE BÁRBARA TAVARES  
TRABALHO REALIZADO POR AÇUCENA ALIJAJ, N°1 8ºD

